



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Organizacional

Orientação: Profa. Dra. Liziane Soares Guazina

Anônimos mostram a cara:

Livro-reportagem sobre as manifestações de 2013

Karen Pacheco Fontenele

Brasília – DF
Novembro de 2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

Anônimos mostram a cara:
Livro-reportagem sobre as manifestações de 2013

Karen Pacheco Fontenele

Memória do projeto final apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientação: Profa. Dra. Liziane Soares Guazina

Brasília – DF
Novembro de 2013

Fontenele, Karen Pacheco.

Anônimos mostram a cara: Livro-reportagem sobre as manifestações de 2013/ Karen Pacheco Fontenele. Brasília, 2013.

Memória do projeto final na conclusão de graduação para obtenção do grau de bacharel no curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Liziane Soares Guazina.

1. Livro-reportagem 2. Manifestações 3. Anonimato 4. Visibilidade 5. Participação Política



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional
Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Liziane Soares Guazina

Prof. Dr. Fábio Pereira

Prof. Dr. Paulo Paniago

Prof. Dr. Samuel Lima
(Suplente)

Brasília – DF
Novembro de 2013

Agradecimentos

Esse livro é, antes de tudo, fruto de um futuro que começou a ser projetado em 1988. Em 7 de janeiro do ano em questão, um casal começava a abrir mão de seus sonhos para investir na criança que acabava de nascer. Sendo assim, nenhuma palavra seria capaz de traduzir a gratidão que tenho pelos meus pais, que desde o princípio de sua vida conjugal não mediram esforços para me dar tudo o que há de melhor nessa vida. Com uma cama, um berço e um rádio à pilha, eles moveram o mundo para multiplicar o patrimônio e me fazer a pessoa que sou. Porém, de todos os investimentos que fizeram o maior, sem sombra de dúvidas, foi a educação. Hoje eu dedico essa vitória a vocês, que acreditaram em mim desde o início e sempre me enxergaram maior do que realmente sou. Que me deram um lar e me ensinaram que uma família é feita de cumplicidade e amor.

Dedico também à minha irmã, o melhor presente que meus pais me concederam naquela linda primavera de 1990. Por ser sempre meu porto-seguro, meu exemplo de competência profissional e a melhor amiga que alguém pode ter. Fiel, austera nos momentos em que eu preciso escutar verdades e sempre muito sábia em tudo aquilo que diz.

À Andressa Scheidemantel, pelo companheirismo certo durante as centenas de horas de biblioteca e pela amizade inabalável. A Marcos Alberto, por ser simplesmente o melhor amigo que alguém pode ter e por ter me dado a mão quando eu menos merecia. À Gabryella Regina, pela foto da capa e pelo companheirismo de sempre. A Pedro Correia, pelo exemplo de excelência em livro-reportagem, que tanto me inspirou na consecução desse projeto. A Paulo Paniago, por ser o maior escritor brasileiro e eterna referência em literatura. A Fábio Pereira, por sempre mostrar que a humildade deve preceder a sabedoria na vida de um jornalista-intelectual. À minha orientadora Liziane Guazina, por ter acreditado nesse projeto até o fim e por ser meu ícone de escritora e mestre desde os tempos em que eu cursava jornalismo. À UnB por ter me mostrado o poder transformador de uma universidade federal e por ter trazido amigas inspiradoras como Taciana Paim, Douglas Amorelli e Jéssica Teixeira.

Dedico também esse livro a Acidmud, o hacker que utiliza seus conhecimentos para a construção de um país melhor e à Ursula Diesel, minha primeira orientadora da vida e amiga eterna. Agradeço ainda a todos os entrevistados de Brasília e de São Paulo, pois sem eles, nada disso seria possível.

Ofereço ainda a todos os meus professores, desde o ensino fundamental. Sem a dedicação e a sabedoria de vocês, eu jamais me tornaria essa pessoa sedenta pelo conhecimento. Em especial a Luiz Carlos Assis lasbeck, o grande mestre de uma vida acadêmica, que despertou em mim a paixão pela Comunicação Organizacional.

Por último e, no entanto, mais importante, a Deus. Se as palavras transcorrem por essas páginas é porque Sua força me move dia a dia. Agradeço pelo dom da existência, mas, além disso, por me deixar sobreviver até mesmo quando meus pecados foram maiores que a minha fé. Por amar a pequenez do meu ser e por iluminar até os dias mais sombrios da minha existência. A Ele, tudo o que sou e que sei.

|

Resumo

O presente memorial tem o objetivo de registrar a produção do projeto experimental *Anônimos mostram a cara*, em formato de livro-reportagem. O produto buscou compreender, a partir da linguagem jornalística, as manifestações ocorridas em junho em Brasília e São Paulo, capitais política e econômica do Brasil. A partir do levantamento bibliográfico, da observação participante com três pessoas nas ruas São Paulo e em entrevistas em profundidade com quatro participantes dos protestos em Brasília, busca-se compreender os perfis dos brasileiros que foram às ruas. Nesse percurso, são identificadas as particularidades do discurso de cada manifestante e seus pontos de convergência, além de se verificar se há de fato o que Manuel Castells chama de “redes de indignação e de esperança”. Valeu-se, para este fim do estilo de narrativa do gênero jornalismo literário.

Palavras-chave: 1. Livro-reportagem 2. Manifestações 3. Anonimato 4. Visibilidade 5. Participação Política

Abstract:

This work is a memorial that documents the production process of the book-report called *Anonymous show their faces*. With a journalistic point of view, this product attempts to understand the manifestations happened in June in Brasília and São Paulo, economic and political capitals of Brazil. Considering the literature review, the participant observation with three people on the streets in São Paulo and the in-depth interviews with four participants of the protests in Brasília, it tries to understand the profiles of Brazilians that went to the streets. During this work, the peculiarities of the speech of each protester and their points of convergence were identified and, at the same time, checked if there was in fact what Manuel Castells calls "networks of indignation and hope." For this purpose, it was used the literary's journalism narrative style.

Key-words: 1. Book-report 2. Demonstrations 3. Anonymity 4. Visibility 5. Political Participation.

*“Aqueles que fizeram o ciberespaço
crescer são em sua maioria anônimos,
amadores dedicados a melhorar
constantemente as ferramentas
de software de comunicação
e não os grandes nomes,
chefes de governo,
dirigentes de grandes companhias
cuja mídia nos satura.”
(Pierre Lévy)*

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------|-------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | p.10 |
| 2 JUSTIFICATIVA..... | p.14 |
| 3 OBJETIVOS | p.18 |
| 4 REFERENCIAL TEÓRICO..... | p.19 |
| 4.1 O livro-reportagem | p.19 |
| 4.2 Visibilidade e anonimato | p.21 |
| 4.3 Formas organizativas..... | p.22 |
| 4.4 A máscara de Guy Fawkes..... | p.23 |
| 4.5 <i>Anonymous</i> | p. 23 |
| 4.6 A etnografia | p.25 |
| 5 METODOLOGIA..... | p.27 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | p.28 |
| REFERÊNCIAS..... | p.31 |

1. INTRODUÇÃO

Na segunda quinzena de junho de 2013, às vésperas da abertura da Copa das Confederações, eclodia uma onda de manifestações no Brasil. Os dados levantados em veículos das mídias tradicionais, mídias sociais e observação participante em Brasília e São Paulo, apontam para o fato de que tal onda foi deflagrada pelo aumento na tarifa de transporte público na capital paulista.¹ Em meio à multidão que tomou as ruas, destacava-se a máscara de Guy Fawkes², que virou personagem de quadrinhos e alcançou a grande tela em 2006, usando como slogan: “Ninguém devia temer seu governo. O governo é que devia temer seu povo.”

Dentre as questões que emergem das representações supracitadas, está a de que tais máscaras também representam o caráter anônimo dos atuais movimentos sociais, em justaposição à reivindicação da visibilidade, representada sobretudo pela quantidade de cartazes publicados e compartilhados em redes sociais pelos brasileiros. Acerca desse empoderamento, Castells afirma:

A máscara cristaliza um conjunto de signos e interpreta uma vontade de um corpo excluído, que busca no protesto a voz da liberdade e de vingança pela “desconfiguração” social. Em um dos cartazes, em Campos dos Goytacazes (RJ), portado por um estudante com a máscara de Fawkes, lê-se: “Não estou aqui pelo meu emprego. Não estou aqui para baderna. Não estou aqui por partido político. Estou aqui pelo que é *justo!*”, em foto na coluna *Veja Essa*. (SCHMITZ, 2013).

A repercussão dos fatos, divulgados em larga escala não somente pela imprensa brasileira bem como por veículos internacionais, fizeram com que as ações

¹ No dia 18 de junho, o jornal O Estado de S. P. (OESP) publicava o editorial *Entender as manifestações, republicado* no sítio do portal Observatório da Imprensa: “As manifestações de protesto contra o aumento da tarifa de transportes coletivos – que continuam a ter São Paulo como principal centro, mas se espalham por outras capitais – estão adquirindo características que exigem ao mesmo tempo sangue-frio para enfrentá-las e esforço de compreensão do que exatamente se passa, tanto por parte das autoridades como de todos os que de uma forma ou de outra são afetados por elas. Quando se pensava que iam dar uma trégua, depois de vários dias de agitação, elas prosseguiram com força na capital paulista na quinta-feira.” (FONTE: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view_ed751_entender_as_manifestacoes).

² Soldado inglês católico que participou da chamada “Conspiração da Pólvora”, na qual se visava matar o rei protestante Jaime I e todos os integrantes do parlamento durante uma sessão ocorrida em 1605. O plano foi descoberto, então Fawkes foi enforcado. (FONTE: <http://veja.abril.com.br>)

do brasileiro ganhassem certa visibilidade em tais manifestações, o que certamente foi ampliado pelo espaço virtual. Nas palavras do sociólogo espanhol, Manuel Castells:

(...) foi justamente desde a internet que se construíram redes de debates, redes de organização, redes de ação. Mas para agir sobre a sociedade, as pessoas têm que sair, têm que ir às ruas. É quando a internet, como espaço livre de comunicação, combinou-se com a ocupação dos espaços públicos, transformados em ágoras, o jogo começou a mudar. (CASTELLS, 2012).

Na tentativa de compreender o fenômeno urbano, diversos pesquisadores foram às ruas em busca de um mapeamento. Dentre as inserções, está a proposta da Talk Inc, uma empresa de pesquisa de comportamento que resolveu ampliar o debate propondo uma “cartografia afetiva”³ das manifestações. No período de 15 a 25 de junho de 2013, foram coletadas 1285 respostas em São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Distrito Federal, Bahia, Maranhão, Amazonas, Berlim, Madri, Nova Iorque e San Diego. Tais impressões têm as mais diversificadas fontes, desde especialistas a internautas, na faixa etária de 16 a 80 anos.

Longe de buscar a precisão, porém aberta às mais variadas possibilidades, tal cartografia aponta para um aspecto importante: a diversidade de aspirações e sentimentos existentes. Nela, um elemento aparece em destaque, embora não seja o dominante: o medo. Em 1957, antes mesmo da contracultura, o movimento hippie e a defesa dos direitos eclodirem, o historiador estadunidense James Harvey Robinson já apontava a preponderância desse fator à formação da sociedade em sua obra *A formação da mentalidade*:

Nenhuma geração anterior se viu tão perplexa como a nossa, mas igualmente nenhuma pode esperar tanto do bom emprego dos recursos materiais ou intelectuais acumulados. O medo, entretanto, nos paralisa. O medo, filho da ignorância e da incerteza. E a ignorância e a incerteza mutuamente se ajudam, porque habitualmente nos justificamos de uma por meio da outra. (ROBINSON, 1957, p. 166)

³ Disponível em: <http://www.cartografiaafetiva.talkinc.com.br/cartografia.pdf>>. Acesso em: 11 de junho de 2013.

Porém, as verdadeiras aspirações do brasileiro que foi às ruas não estiveram presentes no agendamento midiático, sempre centrado em cobrir aquilo que se aproximasse do chamado valor-notícia. Conforme nos explica o professor, jornalista e pós-doutor Venício de Lima no artigo *As manifestações de junho e a mídia*, a imprensa adotou dois posicionamentos durante as manifestações⁴. O primeiro foi voltado a deslegitimar os protestos, que deveriam ser reprimidos com mais incisão. Em um segundo momento, observando a aderência do público, a cobertura passou a adotar uma postura neutra, baseada na simples apresentação dos fatos. Sendo assim, visando conhecer esses brasileiros, aproximar-se de suas rotinas, angústias e aspirações sob a ótica da tríade jornalismo-literatura-história torna-se, portanto, uma forma de compreender o país em seu contexto atual e buscar projetar seu futuro. Sendo assim, o formato que parece ser o mais adequado para se compreender as manifestações é o livro-reportagem, conforme afirma o pesquisador, escritor e jornalista Edvaldo Pereira Lima, professor aposentado pela Universidade de São Paulo:

Mas como há temas que requerem abordagem mais ampla, o jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem, que nos casos mais felizes oferece, em torno do núcleo frio que marca a face de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar. (LIMA, 1993, p. 10)

A antropologia está muito próxima do livro-reportagem e é exatamente nela que se pode buscar o fundamento para iniciar as pesquisas usando o método da observação participante. Apesar de falar sobre as manifestações, a obra tem como ponto central as pessoas que as compuseram, sendo assim opta-se por iniciar a incursão indo a campo e deixando as categorias emergirem. Tal relação entre etnografia e jornalismo demanda um novo olhar, conforme as palavras da autora:

⁴ Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed752_as_manifestacoes_de_junho_e_a_midia>. Acesso em: 10 de nov. 2013.

É nesse aspecto que o trabalho do jornalista se assemelha ao do etnógrafo. Ele precisa saber olhar e escutar para escrever uma bela história. Se livrar dos clichês e dos padrões para proporcionar ao leitor uma nova versão de um fato por vezes tão explorado. É resistir à domesticação do olhar e desconstruir o que está posto. Mas isso não é fácil. O drama contemporâneo da invisibilidade nos ensurdece. Vemos, mas não enxergamos, ouvimos, mas não escutamos. (SILVA, 2013, p. 45)

Tal o etnógrafo que mergulha nas categorias de um novo grupo para compreendê-lo, o jornalista que elabora um livro-reportagem deve proceder em sua pesquisa. Nesse percurso, a observação minuciosa e a descrição densa servem de suportes para o profissional que empreende nesse campo. No caso específico das manifestações, busca-se compreender o ser humano por detrás de cada máscara ou cartaz e, para isso, deve-se extrapolar o ambiente da manifestação e adentrar a sua intimidade. Esse percurso é fundamental para que se compreenda os motivos que os levaram às ruas.

2. JUSTIFICATIVA

O jornalismo, pela sua própria etimologia, nos aponta para a missão de “contar o dia”. Porém, conforme os teóricos da área afirmam, há um *ethos* na profissão que prima por conceitos como objetividade, isenção e imparcialidade. Essa tríade, incessantemente estudada desde os tempos mais remotos dos estudos da área, aponta para uma faceta inquestionável do campo: a fugacidade.

A introdução de novas tecnologias reconfigura e complexifica a prática jornalística com o surgimento de novas ferramentas vinculadas à web e às tecnologias móveis de redes de alta velocidade. Emerge então a formação de novos conceitos e novas ferramentas que se somam às discussões em andamento, como por exemplo, o jornalismo móvel com a descentralização da produção jornalística das redações físicas para ambientes móveis de produção valendo-se de artefatos digitais que permitiram o chamado exercício do tempo real. Tais transformações trazem novas perspectivas ao jornalismo e novos critérios de noticiabilidade vinculados ao localismo e à atualização contínua (SILVA, 2008, p. 12).

Embora exista, nos tempos hodiernos, uma quantidade razoável de jornais nas ruas, o seu conteúdo tende a acompanhar a velocidade do cotidiano. As revistas, embora visem um maior aprofundamento nas reportagens que publicam, também estão limitadas ao espaço de suas editorias. E é nesses espaços que também se inserem as inúmeras peças publicitárias. Estamos na época da efemeridade, do bombardeamento de signos como propunha o filósofo tcheco naturalizado brasileiro Vilém Flusser (2007). Sendo assim, o formato que parece mais adequado para aquele que pretende aliar história, jornalismo e literatura em um espaço contundente é o livro reportagem, conforme explica Edvaldo Pereira Lima:

Além do mais, o livro-reportagem escapa de preceitos antigos que estão na base do jornalismo tradicional. Um desses preceitos é que o jornalismo só deve tratar daquilo que é atual. Em muitos casos, a atualidade de que trata a imprensa é efêmera, desliza rapidamente para o esquecimento, cheirando a frivolidade. Essa postura leva muita gente a ver a imprensa

como algo superficial, e muitas vezes a crítica é válida (LIMA, 1993, p. 13).

Outrossim, estamos inseridos em uma época em que a velocidade das informações cresce estrondosamente, trazendo novos questionamentos e contornos à sociedade. A geração hiperlink, marcada pela ampliação de possibilidades na internet e nas escolhas rotineiras cede lugar à geração *gadgets*, que traz tais possibilidades na palma da mão, nos chamados *smartphones*. Todas essas transformações impactam não só a sociedade, como também a rotina jornalística, conforme especifica o mesmo autor:

Com o desenvolvimento de celulares de tecnologia de terceira geração (3G) com câmera embutida, GPS, visualizadores e editores de arquivos (de texto, fotos, áudio, vídeos), navegadores de internet para acesso a banco de dados, além de outras aplicações sofisticadas, introduzem potencialidades para o jornalismo e redefinem as rotinas produtivas e os critérios tradicionais como o deadline, que tende a desaparecer (SILVA, 2008, p. 12) .

Estamos diante da ampliação daquilo que o filósofo francês Pierre Lévy chamou de cibercutura e que pode ser compreendida como um novo *modus vivendis*, da ampliação do real por meio da tecnologia. O teórico da Comunicação Herbert Marshall McLuhan já apontava essas possibilidades ao elevar tais aparelhos ao status de “extensões do homem”. Tais transformações geram impactos positivos e negativos, conforme afirma Lévy:

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja ‘bom’. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista (LÉVY, 1999, p. 12).

É nesse contexto que eclode, na segunda quinzena de junho de 2013, uma onda de manifestações no Brasil, provocada pelo aumento da tarifa de transporte

público na capital paulista. A televisão transmite, o jornal impresso propaga suas impressões, o online bombardeia em formato distinto. Uns, produzem seus conteúdos em tempo real. Há quem compartilhe, curta ou simplesmente despreze o assunto em pauta. Há também o brasileiro que foi às ruas mascarado, levantando a hipótese de que tais movimentos respondem ao anonimato, conforme afirma Lévy:

Aqueles que fizeram o ciberespaço crescer são em sua maioria anônimos, amadores dedicados a melhorar constantemente as ferramentas de software de comunicação e não os grandes nomes, chefes de governo, dirigentes de grandes companhias cuja mídia nos satura (...) Símbolo e principal florão do ciberespaço, a Internet é um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional, a expressão técnica de um movimento que começou por baixo, constantemente alimentado por uma multiplicidade de iniciativas locais (LÉVY, 1999, p. 126).

A internet, como se pode perceber nos movimentos atuais, exerce papel fundamental na propagação de informações. Aparecendo como uma alternativa ao saturado espaço midiático tradicional, ela é vista por muitos como uma poderosa arma de contra-hegemonia, conforme afirmam Auton e Malini na obra *A internet e a rua*:

Mas, através das comunidades virtuais do ciberespaço, a multidão e armou e as redes que sempre construiu para lutar contra o poder político burguês metamorfosearam-se nas poderosas redes de guerra em rede, paralisando o uso das armas de aniquilação do poder global e rompendo com sua cadeia de medo orquestrada pela mídia de massa corporativa (ANTOUN; MALINI, 2013, p. 35).

A onda de manifestações iniciadas no país tem uma série de precedentes internacionais, tais como o Occupy nos Estados Unidos. Tais movimentos foram problematizados pelo filósofo espanhol Manuel Castells em sua mais recente obra, intitulada “Redes de indignação e esperança”, que pode ser vista com um ponto de partida para se pensar o papel das redes na constituição das aspirações do cidadão brasileiro. Um artigo publicado na segunda quinzena de junho de 2013 no jornal eletrônico *El Imparcial* destacou uma frase de Castells que problematiza o papel da colaboração nas manifestações: “As pessoas superam o medo unindo-se.” (CASTELLS, 2013).

Com o objetivo de conhecer as particularidades dos brasilienses e paulistas que foram às ruas, bem como investigar os motivos que os levaram aos protestos, o perfil é o gênero jornalístico que se apresenta como o mais coerente. Desenvolvido pela revista *The New Yorker*, o gênero foi sintetizado nas seguintes palavras do professor Paulo Paniago da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília:

Um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico – o ser humano em sua trajetória através da vida -, com destaque não para os eventos nos quais esse humano se envolve, mas para a visão de mundo que a pessoa certamente possui, chama-se perfil (PANIAGO, 2008, p. 25).

Para compreender o fenômeno deflagrado em junho de 2013, é necessário captar, antes de tudo, o cerne dos movimentos. Para engendrar em tais nuances, foi necessário que se realizasse, aprioristicamente, uma observação participante junto aos usuários de transporte público nas capital econômica do país: São Paulo. Tal escolha metodológica partiu do pressuposto de que a eclosão do movimento se deu com a propagação das reivindicações quanto ao preço do transporte na capital paulista. Os primeiros levantamentos feitos por mim nas duas cidades somados ao que foi divulgado pela mídia tradicional, constataram que, apesar da diversidade, os jovens dominaram a cena e que não existe uma unidade no discurso de quem foi às ruas.

Sendo assim, a primeira hipótese a ser discutida é a incidência dos problemas sociais no discurso do usuário do transporte urbano e da noção de visibilidade:

Infelizmente, as principais problemáticas que afligem crianças e adolescentes, e seus familiares (mortalidade infantil, mortes violentas, trabalho infantil, exploração sexual e conflito com a lei) tendem a aparecer para a opinião pública como icebergs, isolados do contexto mais geral em que vivem e sobrevivem milhões de cidadãos privados de acesso a bens de consumo e distribuição de riquezas. É mister, portanto, compreender a situação da infância e adolescência como expressão da questão social, logo em conexão com os demais desafios societários do país, assegurando-lhe a centralidade e visibilidade devidas (SALES, 2007, p. 89).

Compreender, portanto, como se deu a formação dos manifestantes que serão objeto do perfil, desde a infância até as aspirações políticas e sociais atuais, é um caminho possível e esclarecedor para compreender o que foi observado em campo, tendo em vista que muitos aspectos da personalidade dos entrevistados podem ter sido suprimidos na observação participante, conforme aponta Goffman:

O indivíduo, semiconsciente de que um certo aspecto de sua atividade pode ser percebido por todos aqueles presentes, tende a modificar esta atividade, empregando-a com seu caráter público em mente. Às vezes, na verdade, ele pode empregar esses sinais somente porque eles podem ser testemunhados. E mesmo que aqueles em sua presença não tenham exatamente consciência da comunicação que estão recebendo, eles de qualquer forma sentirão algo fortemente incorreto se algo incomum for transmitido (GOFFMAN, 2010, p. 43).

Sendo assim, cabe tanto ao etnógrafo quanto ao jornalista procurar identificar essas modificações a fim de que se possam compreender as reais intenções dos entrevistados.

3. OBJETIVOS

O objetivo geral do presente trabalho foi elaborar um livro-reportagem sobre as manifestações de 2013 nas capitais política e econômica do Brasil. Atrelados ao principal, os objetivos específicos a que se propõe o livro-reportagem são:

- Compreender os perfis dos brasileiros que foram às ruas em junho de 2013.
- Verificar se há de fato o que Manuel Castells chama de “redes de indignação e de esperança” sob a ótica do manifestante.
- Identificar as particularidades do discurso de cada manifestante e seus pontos de convergência.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Para desenvolver um livro-reportagem que contivesse a reconstituição de dois dias de manifestação (20 de junho em Brasília e 16 de junho em São Paulo), além de desenvolver os perfis dos manifestantes que aparecessem nesses capítulos, precisou-se realizar uma descrição densa dos fatos e personagens com o intuito de compreender suas peculiaridades, utilizando os seguintes referenciais:

4.1. O livro-reportagem

O produto final em questão é um livro-reportagem, sendo assim, encontra seu expoente máximo em Edvaldo Pereira Lima, particularmente em suas obras *O que é livro-reportagem?* (1993) e *Páginas Ampliadas* (2008). Na primeira, o autor utiliza uma metáfora que explica a importância do gênero:

A imprensa acaba colocando em evidência sua incapacidade de ler a *essência* das coisas, que permanece inatingível porque todo o procedimento do jornalismo industrial moderno conduz a uma leitura das *aparências* apenas. Isso é grave quando, por meio da grande reportagem, o leitor percebe a promessa de um mergulho em profundidade cujo objetivo é ampliar sua compreensão do real. Esse objetivo, no entanto, não pode ser atingido, exatamente porque os instrumentos de mergulho e os procedimentos dos mergulhadores são intrinsecamente inadequados para perceber e captar toda a riqueza material e sutil do oceano em torno (LIMA, 1993, p. 23).

É exatamente isso que justifica a escolha do livro-reportagem para descrever as manifestações ocorridas em junho: nota-se a superficialidade da imprensa, que

se ateuve à descrição dos fatos e perdeu de vista o elemento humano⁵. Sendo assim, opta-se por compreender melhor quem são as pessoas que foram às ruas e, analisando as categorias de livro-reportagem propostas por Edvaldo Pereira em Páginas Ampliadas, percebe-se que a mais próxima dessa proposta é o livro-reportagem-perfil que:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 2008, p. 45).

Ao abordar tal superficialidade do jornalismo cotidiano, inerente à sua própria formatação, o autor afirma que, em princípio não há nenhum mal nisso. O problema é quando o curto espaço de tempo faz com que o profissional perca o alvo de vista, pois:

(...) os acontecimentos não são estanques, não se originam, nem tampouco desaparecem, sem estar interligados a um processo dinâmico em que fatores causais antecedem a eclosão central de um evento e consequências e desdobramentos de alguma forma lhe dão continuidade (LIMA, 1993, p. 19).

O professor brasileiro Rildo Cosson (2001) prefere chamar esse formato de romance-reportagem e traz ao debate um aspecto *sine qua non* de sua estrutura, o fato de conjugar jornalismo e literatura:

É preciso, então, que se leia e se critique o romance-reportagem a partir do que ele é: o resultado do encontro de dois discursos distintos, o literário e o jornalístico, ou talvez, até com maior propriedade, o produto de fronteiras e de paralelos que, em uma fusão particular, confirma sua especificidade de gênero narrativo independente ao declarar-

5

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ ed752 as manifestacoes de junho e a midia.](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed752%20as%20manifestacoes%20de%20junho%20e%20a%20midia)

se diferente do jornalismo e da literatura pelas semelhanças que cultiva com o romance e com a reportagem (COSSON, 2001, p. 80-81).

4.2. Visibilidade e anonimato

O livro-reportagem em questão se propõe a estudar as manifestações, a partir do cerne de qualquer movimento social, o manifestante, com suas angústias, aspirações, sonhos e lugar na sociedade. Para compreender essas nuances é preciso, inicialmente, situá-lo espaço-temporalmente. O ser humano dos tempos hodiernos é marcado pela complexidade de suas relações, advinda, sobretudo das decisões que precisa tomar diariamente frente às inúmeras possibilidades que se abrem à sua frente. Tal marco foi iniciado na Revolução Industrial, pois até então a manufatura, a inexistência de transporte urbano e a concentração da população no campo, faziam com que o homem tivesse poucas opções e se limitasse ao seu espaço. Sendo assim, conforme afirma OLIVEIRA (1999), a intensidade das relações da contemporaneidade leva a um processo contínuo de impessoalidade, a ponto do indivíduo perder a noção da vida cotidiana das pessoas ao seu redor.

Por outro lado, as vidas privadas estão sendo progressivamente mais expostas nas mídias sociais, conforme Paula Sibilia, professora de Estudos Culturais e Meios na Universidade Federal Fluminense, afirma:

Em vez de propagar a silenciosa introspecção e o retraimento nas profundezas do psiquismo individual, por exemplo, com a ajuda de ferramentas como a leitura e a escrita – gestos que eram tão habituais em tempos não muito distantes e que a escola se ocupava de inculcar – nossa época convoca as personalidades a se exhibir em telas cada vez mais onipresentes e interconectadas (SIBILIA, 2012, p. 48).

Conforme aponta Sibilia (2012), a globalização e seus avanços trouxeram a incitação à visibilidade à uma sociedade marcadamente midiaticizada. Segundo a autora, tal fenômeno fez com que a subjetividade interiorizada do homem industrial entrasse em colapso. Eis o resultado: “Alude-se também às personalidades alterdirigidas e não mais introdirigidas, construções de si mesmo orientadas para o olhar alheio ou ‘exteriorizadas’ em sua projeção visual.” (SIBILIA, 2012, p. 50)

O sociólogo Georg Simmel (1979), por sua vez, aponta para o anonimato como uma das características fundamentais da metrópole. Nota-se que a atenção anteriormente devotada aos problemas particulares das outras pessoas, em sociedades menores, é canalizada para a personalidade individual. Através dela, o indivíduo projeta aquilo que deseja ser, sem se ater aos valores dominantes em sua comunidade, conforme explica o autor:

O anonimato é quem vai romper todos os laços de vizinhança ou comunitaristas que faziam com que um indivíduo participasse, reconhecesse e mesmo se envolvesse com os problemas particulares das outras pessoas.” (OLIVEIRA, 1999, p. 19).

Outro aspecto do anonimato que vai ao encontro das manifestações consiste no fato de que seu uso reivindica um direito. No caso dos protestos, a máscara de Guy Fawkes representa o anseio de tomar o poder com as próprias mãos, conforme o trecho clarifica:

(...) é por meio do anonimato que o indivíduo ganha uma maior liberdade de exercer seus desejos mais secretos, fantasias que jamais assumiria perante uma comunidade de conhecidos. Por meio do anonimato o indivíduo descobre espaço para ampliar socialmente os papéis que gostaria de assumir. Há assim, dois grandes recortes do espaço social na vida do indivíduo: um por onde circulam os indivíduos conhecidos (amigos, conhecidos e parentes) e outro em que essas mesmas pessoas ignoram ou não circulam. (OLIVEIRA, 1999, p. 19).

Embora a própria Constituição estabeleça o povo como titular do poder público, prevê que a democracia é exercida majoritariamente de forma representativa deliberativa, por intermédio dos representantes eleitos. Fawkes é, portanto, a consubstanciação do desejo de explodir a sede do poder e a corrupção que emana dele, porém isso não é lícito.

4.3. Formas organizativas

Desde os tempos mais remotos, a humanidade tem se organizado para sobreviver. A configuração em tribos e, posteriormente, comunidades, foi uma forma que encontramos para não sucumbir à natureza e sua selvageria.

Com o advento da industrialização e posterior globalização, as organizações foram percebendo também que suas formas organizativas determinavam a sua

sobrevivência na sociedade. Na variedade dessas formas, o autor Geraldo Zapata (2006) aponta duas fundamentais:

4.3.1 A forma horizontal

Essa forma organizativa se caracteriza por ter seu projeto girando em torno dos processos ao invés de tarefas individuais. Nela, os fluxos de trabalho se enlaçam com profissionais de distintas áreas trabalhando em prol de um mesmo projeto, de acordo com suas competências. Não há hierarquia, mas cooperação.

4.3.2 A forma vertical

Baseada na hierarquia, essa forma se caracteriza pela nítida divisão de tarefas segundo critérios objetivos, tais como características dos clientes, dos produtos e dos mercados dos quais a empresa participa. Dessa forma, as atividades realizadas pelos distintos níveis hierárquicos e graus de autoridade estão claramente definidas. Há um respeito estrito pela cadeia de comando.

4.4. A máscara de Guy Fawkes⁶

Símbolo dos *Anons*, como são conhecidos os componentes do *Anonymous*, a máscara do personagem do filme *V de Vingança* foi criada por Allan Moore e David Lloyd em 1982. O símbolo amplamente usado nas manifestações foi baseado na aparência de Guy Fawkes, um fanático religioso inglês que planejou em 1605 dinamitar o Parlamento e restaurar a fé católica na Grã-Bretanha. Ele foi preso, enforcado e esquartejado e a data começou a ser conhecida na Inglaterra como o dia da salvação do Rei, que é comemorada nos mesmos moldes da nossa “malhação de Judas”, com um boneco representando Guy Fawkes sendo espancado e queimado nas ruas. No filme *V de Vingança* o personagem tenta realizar o que Guy Fawkes não conseguiu, explodir o Parlamento.

⁶ Trecho produzido com base nas informações obtidas na reportagem de ROVAI, Renato. Por trás da máscara de Guy Fawkes. **Forum**: outro mundo em debate, São Paulo, ano 9 n. 101, p. 6-9, ago. 2011.

Em 2006 é lançado “V for Vendetta”, produção dos irmãos Wachowski que recria o romance de Allan Moore. Na obra, há um herói mascarado luta contra a manipulação da mídia e do governo conservador. Sucesso de bilheterias, a obra cinematográfica inspira um grupo intitulado *Anonymous* a fazer inserções em sites governamentais em 2006.

4.5. *Anonymous*⁷

Em 2010, Julian Assange, fundador, editor e porta-voz do *Wikileaks* foi preso acusado de estupro na Suécia. O jornalista e ciberativista australiano negou a acusação feita contra ele, afirmando se tratar na verdade de uma represália às suas atividades já que a publicação de documentos secretos de vários governos gerou uma forte repercussão. Com a prisão de Assange, as contas do *Wikileaks* foram bloqueadas no PayPal, Visa e Mastercard, o que resultou em um abalo nas finanças da entidade que parou de receber as doações naqueles canais. Foi neste momento que os *Anonymous*, um grupo formado por *hackers* e militantes se organizou para congestionar os sistemas das redes Mastercard e Visa e o serviço de pagamento PayPal como resposta à negação de recebimento de doações para o WikiLeaks.

Em janeiro de 2011 o grupo voltou ao cenário mundial ao participar da Primavera Islâmica. Os militantes colocaram protestos em sites do Ministério da Indústria e da Bolsa de Valores da Tunísia em apoio ao movimento contrário ao governo local que soçobriria dias após. Em fevereiro do mesmo ano, foi responsável pela organização de um ataque contra o governo do Iêmen e difundiu informações sobre a revolução no Egito, principalmente quando o sinal de internet do país foi derrubado por Hosni Mubarak. Na Espanha, a mobilização de milhares de cidadãos na Praça do Sol ganhou força na rede mundial com as ações do grupo. No dia 20 de dezembro de 2010 os *Anonymous* foram responsáveis pela primeira manifestação contra a Ley Sinde que trazia restrições à liberdade na internet. O ato de maior repercussão aconteceu em 4 de março e teve como resultado o movimento 15M (15 de março), ocorrido onze dias depois. Na ocasião, milhares de jovens acamparam na Praça do Sol reivindicando transformações na lei e uma nova democracia.

⁷ Trecho produzido com base nas informações obtidas na reportagem de ROVAI, Renato. Por trás da máscara de Guy Fawkes. **Forum**: outro mundo em debate, São Paulo, ano 9 n. 101, p. 6-9, ago. 2011.

No Brasil os *Anonymous* ainda não são amplamente conhecidos, mas começaram a entrar em ação. Os protestos ocorridos no dia 7 de setembro de 2011 em várias cidades do país foram iniciados por eles e pelo grupo LulzSecBrazil, responsável pelos ataques a sites do Governo Federal em julho. Na verdade, é necessário compreender que *Anonymous* não é um grupo fechado mas uma ideia. Não possui uma liderança e escapa às classificações da sociologia política. Isso posto, deve-se tentar compreendê-lo sob a ótica da sociedade globalizada, da *cibercultura*, porque rompe a lógica da comunicação tradicional horizontalizada, formada por emissor e receptor, e torna relativa a importância de intermediações de organizações. É proibida qualquer tentativa de se destacar no grupo e que os demais rechaçam quem o faz. Um exemplo disso foi quando um membro conhecido como Coldblood resolveu dar entrevistas em nome do grupo durante o processo de Julian Assange e foi banido.

Apesar de o grupo não ser amplamente conhecido, a máscara de Guy Fawkes, símbolo do grupo, foi amplamente utilizada pelos manifestantes em junho e junho deste ano. Sendo assim, foi-se a campo utilizando a observação participante para perceber se há de fato uma vontade de manter-se no anonimato e destruir o poder central e a corrupção, além de investigar se a mídia é vista como um instrumento de manipulação.

4.5. A etnografia

Ao optar-se pelo método de inspiração antropológico, privilegia-se as relações entre o ser humano e suas condições de vida no contexto da cultura. A escolha não poderia ser mais coerente se levarmos em conta que é este o ponto crucial de qualquer ajuntamento humano, pois não há como se compreender as organizações sem se olhar inicialmente para os seres que as compõem. Nesse caso, o jornalismo busca subsídio metodológico na etnografia.

O método de estudo utilizado pelos antropólogos com o intuito de descrever os costumes e as tradições de um grupo humano, ajuda a conhecer a identidade de uma comunidade humana e implica a observação participante do antropólogo

durante um período de tempo em que esteja em contacto directo com o grupo em apreço.

O trabalho pode ser complementado com entrevistas para recolher mais informações e descobrir dados que sejam inacessíveis. Sendo assim, fornece ao jornalista um caminho que dribla a superficialidade cotidiana e, no caso em apreço, compreenda de forma mais substancial os aspectos mais inerentes aos manifestantes que foram às ruas em junho e junho de 2013.

Nessa incursão, viveram-se dois momentos distintos. Primeiramente em São Paulo, realizando observação participante no dia 16 de junho, no qual se acompanhou a atmosfera do movimento social na presença de mais três participantes, realizando a descrição densa dos acontecimentos e de suas impressões durante todo o percurso. Em Brasília, optou-se por reconstituir o dia 20 de junho através do relato de quatro participantes. Em ambos os casos, nota-se que o grau de detalhamento e a precisão dos relatos dos participantes são cruciais para a consolidação do trabalho. Reconstituir o dia sob a égide do olhar do manifestante implica, sobretudo, em abandonar fontes secundárias e centrar-se no relato do participante. O resultado desse percurso é brilhantemente descrito por Malinowski, conhecido como um dos pais da etnografia:

Na etnografia, o autor é ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos. Na etnografia, é frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal (MALINOWSKI, 1976, p.22-23).

Sendo assim, por mais caleidoscópica que a vida dos manifestantes se apresente num primeiro momento, é necessário utilizar a etnografia como aliada nesse processo para compreender melhor as nuances do cotidiano dessas pessoas. O comportamento delas durante as manifestações e entrevistas, registrados mediante o método da descrição densa, traz muitas respostas a esses questionamentos.

5. Metodologia

Na segunda quinzena de junho de 2013 as manifestações começavam a tomar forma nas cidades brasileiras. Sair às ruas para compreender o fenômeno se apresenta como a primeira escolha metodológica. Devido ao fato de que as primeiras notícias associavam tais protestos ao iniciado em São Paulo visando à redução tarifária, optou-se por iniciar as investigações pela capital paulista. O método da observação participante emergiu como o mais adequado, pois até então o essencial era investigar a origem e as motivações de tais movimentos.

Levando em consideração que a onda de manifestações foi deflagrada pelo aumento na taxa de transporte público, iniciou-se o trabalho na estação de metrô de São Paulo, indo em direção à Sé, onde ocorreria a manifestação. Ao pedir informações para uma usuária, veio o convite para ir com ela e seu grupo. Assim foi realizada a primeira pesquisa de campo: anotando suas observações e a de outros dois jovens que se somariam a nós durante o trajeto até protesto: seu namorado e seu irmão. Além de anotar o que eles diziam, também optou-se por transcrever a mensagem de alguns cartazes e os gritos de ordem. Descreveu-se também a atmosfera do local. Em um segundo momento volta-se para a cidade para fazer uma entrevista em profundidade com esses participantes, a fim de traçar perfis de cada um deles.

Em Brasília, reconstituem-se os fatos através dos relatos de quatro participantes. A escolha dos mesmos é baseada no conceito de liberdade de fontes, defendida por Edvaldo Pereira Lima, que diz:

Abre-se um leque para um coral de vozes variadas. Como é o caso de James Michener em *Iberia*, reconstituindo uma visão múltipla da realidade espanhola por meio de figuras tão diversas quanto um médico, um policial, um padre, um pastor de ovelhas, um toureiro, um plantador de olivas, uma escritora e outras (LIMA, 2008, p. 47).

Assim, foram escolhidos um jornalista, um policial, uma professora e uma estudante. Além disso, também construiu-se um perfil dos mesmos. Nesse ponto, é nítida a contribuição da antropologia:

A história da Antropologia, como de qualquer área de conhecimento, pode ser interpretada como um processo contínuo de confrontação entre ortodoxos e heréticos. As posições individuais mudam

continuamente em função de trajetórias, das etapas de carreira e de diversas transformações existenciais (VELHO, 1980, p.13).

Nos capítulos subsequentes aos das reconstituições dos dias de manifestação, são traçados perfis dos participantes que foram personagens no capítulo anterior. Para tanto, insere-se cada um em um contexto brasileiro em temas que vão desde carga tributária até separação judicial. O intuito é o de fazer com que o leitor compreenda melhor os anônimos que foram às ruas, atribuindo-lhes uma visibilidade que foi escamoteada pela velocidade das mídias tradicionais e, mais do que isso, explique suas reivindicações.

As perguntas para cada participante foram feitas de acordo com o seu perfil e giraram em torno de cinco eixos: vida pessoal, participação política, família, religião e profissão. Ao término de cada entrevista registrada em gravador, o entrevistado assinava um termo de compromisso acordando com a publicação dos dados.

O que diferenciou fortemente o trabalho executado em São Paulo e em Brasília foi o processo de produção do capítulo do dia da manifestação. No primeiro caso, observou-se cada passo dos manifestantes e suas reações *in loco*, ao passo que o capítulo de Brasília foi construído mediante a descrição de cada personagem dos fatos que presenciou.

6. Considerações Finais

Após a leitura atenta do referencial teórico supracitado, da observação participante na manifestação e nas várias horas de entrevista coletadas com os personagens do livro-reportagem, chega-se a uma série de conclusões acerca dos perfis dos brasileiros que foram às ruas.

Apesar de não haver uma unicidade nos discursos e, por esse mesmo motivo, ser impossível estabelecer um único perfil, percebe-se convergências nas falas dos manifestantes. Dois aspectos são unânimes entre os sete entrevistados: eles estão insatisfeitos com o governo que julgam como corrupto e com a mídia, que enxergam como manipuladora e não representativa. Porém, não acreditam que o problema esteja nos atuais representantes de ambas, mas na própria cultura.

Nota-se que o jornalista e o policial são os únicos que acreditam que existam lideranças nos movimentos. Todos os demais afirmam que se trata de um fenômeno horizontal, fruto do empoderamento dos cidadãos e fomentado pelas redes sociais.

A relação dos entrevistados de São Paulo com a política é de total repúdio, ao passo que os brasilienses demonstraram um grande interesse pelo assunto.

Em uma perspectiva mais macro, nota-se que os fenômenos da urbanização e da globalização isolaram os indivíduos e a criação de mídias de experiência unitária contribuiu ainda mais para esse processo de atomização. Sendo assim, por mais que alguns teóricos afirmem que nunca se comunicou tanto, o processo tradicional de comunicação verbal foi substituído por interações artificiais com usuários mais longínquos. O individualismo se torna um traço marcante da sociedade dos *gadgets*.

A manifestação aparece então como a oportunidade de propagar nas ruas o grito reprimido durante anos em redes sociais e trazer a visibilidade que o anônimo do ciberespaço reivindica. A mídia tradicional, no entanto, centrada no valor-notícia e na espetacularização dos fatos, não dá voz a esse manifestante e registra somente os vandalismos, atos de violência e infrações cometidas no evento.

Além disso cada um, centrado no seu individualismo começa a gritar por suas próprias demandas e a desprezar as causas levantadas por outros participantes. Não há liderança nem uma pauta definida de reivindicações. O movimento se dispersa.

Para compreender esses movimentos é necessário observá-los como organizações. É nesse ponto que a Comunicação Organizacional mostra sua grande colaboração. Ao valorizar o papel do indivíduo na formação da identidade do grupo, esse campo traz à tona o que diferencia esse trabalho: o olhar para o manifestante. Compreender suas particularidades é o cerne para desvendar a manifestação.

De modo geral, a impressão deixada pelos entrevistados durante todo o processo de elaboração do livro é a de que no Brasil existe, de fato, o que Manuel chama de “redes de indignação e de esperança.” Na fala dos entrevistados fica evidente o descontentamento do brasileiro e a crença de que se pode conseguir mudanças com a união em torno de um objetivo em comum. E isso explica o êxito das primeiras movimentações em São Paulo que visavam soçobrar o aumento tarifário no transporte público. Juntos em torno de um mesmo ideal, os paulistas

foram às ruas e conseguiram seu objetivo. As palavras de Castells pareciam universais: "Voltei a sentir a mesma alegria que tinha sentido então: de repente tudo parecia possível; o mundo não estava irremediavelmente condenado ao cinismo político e à imposição burocrática de formas de vida sem sentido." (CASTELLS, 2013, p. 14)

No meu ponto de vista, baseado na bibliografia e nos relatos dos entrevistados, o que dispersou o movimento foi o individualismo das manifestações subsequentes. As pessoas começaram a ir para as ruas gritar por suas demandas específicas e o protesto foi perdendo sua coesão. Além disso, a cobertura da mídia centrou-se nas contravenções e tragédias ocorridas, o que trouxe medo ao brasileiro. O poder coercitivo e o individualismo, portanto, parecem ser os grandes responsáveis pela mudança nos rumos dos eventos.

REFERÊNCIAS

ANTOUN; MALINI. **A internet e a rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Sulina, Porto alegre, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Manuel Castells: Redes de indignación y esperanza.** Espanha, 2013.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado.** Cosac Naif, São Paulo, 2007.

GOFFMAN. Erving. **Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos.** Vozes, Rio de Janeiro, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem?** Brasiliense, São Paulo, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Manole, São Paulo, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico Ocidental.** In: **Os pensadores.** Abril Cultural. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.

OLIVEIRA, Dijaci David de. **Território do anonimato: Redes de sociabilidade e espaços de intersubjetividade.** Universidade de Brasília. Brasília, 1999.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato inteiro: O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade.** Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

ROBINSON, James Harvey. **A formação da mentalidade.** Companhia, São Paulo, 1957.

ROVAI, Renato. **Por trás da máscara de Guy Fawkes.** Forum, São Paulo, ano 9 n. 101, p. 6-9, ago. 2011.

SALES, Mione Apolinario. **(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência.** Cortez, São Paulo, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão.** Contraponto, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Karina Galli Fraga. **O etnógrafo e o jornalista: o olhar e a escuta como ferramentas de trabalho.** UFMT, 2013

VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade: Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira.** Campus, Rio de Janeiro, 1980.

ZAPATA, Geraldo. **As formas organizativas: O dilema entre a Teoria Burocrática e a Teoria Orgânica.** Ensayo, Venezuela, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Castells quer tecer alternativas.** Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/castells-quer-tecer-alternativas/>>. Acesso em: jul/2013.

FERNANDES, NATAN. **Sabe quem foi Guy Fawkes? Disponível em:**

<<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/sabem-quem-foi-guy-fawkes-pois-ele-deu-origem-as-mascaras-que-estao-em-manifestacoes-no-brasil-na-malasia-na-colombia-tremenda-historia/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

LIMA, Venício A. **As manifestações de junho e a mídia.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed752_as_manifestacoes_de_junho_e_a_midia>. Acesso em 10 de nov. 2013.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **As manifestações das fontes populares.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed755_as_manifestacoes_das_fontes_populares>. Acesso em: jul/2013.

Cartografia afetiva das manifestações. Disponível em:

<<http://www.cartografiaafetiva.talkinc.com.br/cartografia.pdf>>. Acesso em: 11 de junho de 2013.

Entender as manifestações. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed751_entender_as_manifestacoes>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

